

Na segunda metade do século XVIII, embora ainda pudessem existir algumas lavras significativas, a produção aurífera junto às minhas águas tornava-se cada vez menos expressiva (DIAS; ASSUNÇÃO; GONÇALVES, 2018. p. 460; FARIA, 2010, p. 47). Mesmo assim, ou talvez justamente por isso, outras atividades econômicas eram cada vez mais promovidas nos sítios próximos às áreas mineradoras. Em algumas dessas propriedades, havia até mesmo a engenhoca, onde se produzia o açúcar e a aguardente. Novamente, minhas águas foram canalizadas, desta vez para mover as moendas que espremiam a cana-de-açúcar, obtendo um doce caldo, cozido na casa das fornalhas. Em paralelo, o fogo era também a fonte de energia de pequenas forjas, que conjugadas ao bater dos martelos nas bigornas, eram utilizadas para preparo de utensílios de ferro. Nessa atividade, minhas águas também eram importantes, pois moviam foles e martelos hidráulicos, como já vinha sendo empregado na Europa desde o século XI.

A variação nas atividades econômicas locais foi ainda ampliada com a abertura de um caminho para a comarca de Serro Frio, onde haviam sido descobertos, ao final da década de 1730, diamantes no arraial de Tejuco. Para chegar-se ali, partindo do Rio de Janeiro, foi então construída uma nova rota, que passava justamente pela cidade de Mariana, e atravessava o povoado de Bento Rodrigues, subindo então para o sertão de Goiás (LOPES, 2016. p. 8; OLIVEIRA, s. d. p. 18-19). Ao longo dessa nova rota, bem como nos arraiais localizados no entorno do meu leito, multiplicavam-se as vendas, locais de grande atrativo por seus comestíveis, e também de expressiva sonoridade. Um viajante francês que passou tempos depois pela região, assim as descreveu: “Nada se pode comparar ao ruído confuso e discordante que reina nas vendas

muito frequentadas: uns riem, outros discutem; todos falam com loquacidade: este aqui, sem ligar ao que se passa em redor, dança sapateando; aquele outro, encostado indolentemente à parede, canta com voz afinada uma canção bárbara, acompanhando-se de um instrumento mais bárbaro ainda” (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 40).

Tanto nesses arraiais e vendas como nas vilas e na cidade de Mariana, era possível também ouvir, cotidianamente, a música dos “barbeiros”, executada por conjuntos de negros geralmente forros, que se dedicavam simultaneamente a esses dois ofícios para prover sua subsistência. Alguns desses grupos mantiveram-se atuantes ao longo do Império, por vezes até adentrando nas primeiras décadas republicanas. Vários instrumentos musicais por eles utilizados foram recriados na América Portuguesa, como a marimba, de origem africana (COSTA, 2012, p. 49-50).

Nesse ambiente geralmente violento, escravos organizavam fugas e contrabandeavam ouro. Afinal, grande parte do trabalho da área mineradora apoiava-se na mão de obra africana e afrodescendente. Assim, dispersos pela região, os quilombos apresentavam-se como alternativa para uma nova condição de vida, atemorizando, em paralelo, seus antigos senhores. Perduravam também os conflitos com os grupos indígenas. Aqueles que fossem capturados e se submetessem à suposta “conversão” ao cristianismo, seriam considerados “índios mansos”, ou seja, dependentes de tutela – argumento utilizado para sua permanência em condição de escravidão. Assim, juntamente à imposição do trabalho forçado, tais ameríndios sofreram



duramente o processo de apagamento de suas origens étnicas e culturais (RESENDE, 2003, p. 63-65). Já os que resistissem à colonização passaram a ser vistos como animalidade bruta, a quem seria legítimo eliminar ou escravizar através de “guerras justas”. Embora o meu entorno tenha sido palco de vários desses embates, os maiores conflitos ocorreram na região do rio Doce, que além de fértil para agricultura, era tida como rica em ouro e considerada de importância estratégica.

Mas até mesmo em um ambiente considerado “civilizado”, conflitos entre colonos e autoridades metropolitanas ocorriam, sobretudo a partir da década de 1780, quando fortaleceu-se a percepção da importância da capitania mineira no Império português (FURTADO, 2009, p. 167-168). Diante disso, motins e rebeliões, que pipocavam nas Minas desde o início da colonização, motivados principalmente pela cobrança de impostos e por tensões entre as elites no exercício do poder, tornaram-se mais perigosos para a Coroa, culminando na Inconfidência Mineira.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

COSTA, Manuela Areias. *A Primeira República na “Cidade dos Bispos” (Mariana-MG, 1889-1930)*. *Outros Tempos*, v. 9, n. 13, p. 213-227, jul. 2012.

DIAS, Adriano de Oliveira et al. *Mariana, o maior desastre ambiental do Brasil: uma análise do conflito socioambiental*. In: LADWIG, Nilzo Ivo; SCHWALM, Hugo (Org.) *Planejamento e gestão territorial: a sustentabilidade dos ecossistemas urbanos*. Criciúma, SC: EDIUNESC, 2018. Cap. 20. Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/5996/1/CAP20.pdf>.

FARIA, Simone Cristina de. *Os “homens do ouro”: perfil, atuação e redes dos Cobradores dos Quintos Reais em Mariana Setecentista*. 2010. 198f. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Um cartógrafo rebelde? José Joaquim da Rocha e a cartografia de Minas Gerais*. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo, v. 17, n. 2, p. 155-187, jul.- dez. 2009.

LOPES, Luciano M. N. *O rompimento da barragem de Mariana e seus impactos socioambientais*. *Sinapse Múltipla*, v. 5, n. 1, jun 1-14, 2016.

OLIVEIRA, José Eduardo de. *Bento Rodrigues: trajetória e tragédia de um distrito do ouro*. S. d.. Disponível em: [https://www.academia.edu/19713244/Bento\\_Rodrigues\\_trajet%C3%B3ria\\_e\\_trag%C3%A9dia\\_de\\_um\\_distrito\\_do\\_ouro](https://www.academia.edu/19713244/Bento_Rodrigues_trajet%C3%B3ria_e_trag%C3%A9dia_de_um_distrito_do_ouro). Acesso em 2 ago. 2019.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. *Gentios Brasileiros. Índios coloniais em Minas Gerais Setecentista*. 2003. 401f. Tese (Doutorado em História). Unicamp, Campinas, 2003.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

